

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/322211921>

ATIVIDADES LÚDICAS REFERENCIADAS POR GASPAR FRUTUOSO NO SÉCULO XVI

Article · December 2017

CITATIONS

0

READS

370

2 authors:



Nuno Serra

Polytechnic Institute of Guarda

73 PUBLICATIONS 6 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



Carolina Vila-Chã

Polytechnic Institute of Guarda

99 PUBLICATIONS 397 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Implicaciones de los desniveles topográficos en la vida de las personas mayores en Portugal: estudio comparativo de ciudades con y sin estructuras verticales de movilidad urbana" (0348_CIE_6_E POCTEP) [View project](#)



Project EUROAGE [View project](#)

ATIVIDADES LÚDICAS REFERENCIADAS POR GASPAR FRUTUOSO NO SÉCULO XVI

RECREATIONAL ACTIVITIES MENTIONED BY GASPAR FRUTUOSO IN THE XVI CENTURY
ACTIVIDADES LÚDICAS MENCIONADAS POR GASPAR FRUTUOSO EN EL SIGLO XVI

Nuno Serra (nserra@ipg.pt)*

Carolina Vila-Chã (cvilacha@ipg.pt)**

RESUMO

O tema central deste artigo diz respeito às atividades lúdicas e corporais descritas ou apenas mencionadas nos Livros que constituem a obra “Saudades da Terra”, dos finais do século XVI, redigida pelo padre e cronista açoriano Gaspar Frutuoso. Através da sua análise, pretendemos registar as atividades físicas e lúdicas mencionadas, que posteriormente foram por nós organizadas numa tipologia de quatro categorias: práticas venatórias; práticas lúdicas em dias festivos; jogos com bola; e práticas corporais de força e destreza. O autor refere ou descreve diversos jogos praticados nas ilhas Canárias, Madeira e Açores. Grande parte destes exercícios corporais mantiveram-se, em Portugal e noutros países europeus, até meados do século XX e alguns, mercê de aperfeiçoamento, deram origem a desportos modernos. Dada a profusão de informações referentes às práticas lúdicas e corporais dos povoadores das ilhas, considera-se que a referida obra constitui uma fonte preciosa para a história do desporto em Portugal.

Palavras-chave: jogos; práticas corporais; costumes açorianos; história das atividades corporais.

ABSTRACT

The central subject of this article concerns the recreational and corporal activities described, or simply mentioned, in the Books that constitute the work "Saudades da Terra", written by the priest and Azorean chronicler Gaspar Frutuoso at end of the XVI century. Through analysis of the work, we intend to record the physical and recreational activities mentioned, which were later organized in a typology of four categories: hunting practices; ludic practices on holidays; ball games; and corporal practices of strength and dexterity. The author refers to or describes several games practiced in the Canary Islands, Madeira and the Azores. Most of these body exercises were maintained in Portugal and other European countries until the mid-twentieth century, and some, thanks to improvement, gave birth to modern sports. Given the profusion of information regarding the ludic and corporal practices of the islanders, it is considered that this work constitutes a valuable source for the history of sports in Portugal.

Keywords: Games; Corporal practices; Azorean customs; History of corporal activities.

RESUMEN

El tema central de este artículo se refiere a las actividades recreativas y físicas descritas o mencionadas en los libros que componen la obra Saudades da Terra, de finales del siglo XVI, escrita por el sacerdote y cronista de Azores Gaspar Frutuoso. A través de su análisis, tenemos la intención de registrar las actividades físicas y recreativas mencionadas, que más tarde se organizaron por nosotros en cuatro categorías: prácticas venatorias; prácticas lúdicas en días festivos; juegos de pelota; y las prácticas corporales de fuerza y destreza. El autor se refiere o describe varios juegos de las Islas Canarias, Madeira y Azores. Muchos de estos ejercicios físicos fueron llevados a cabo en Portugal y en otros países europeos

hasta mediados del siglo XX y algunos, gracias a la mejora, dieron lugar a los deportes modernos. Dada la gran cantidad de información relativa a los juegos y las prácticas físicas de los habitantes de las islas, se consideró que este trabajo constituye una valiosa fuente para la historia del deporte en Portugal.

Palabras clave: juegos; prácticas corporales; costumbres de las Azores; historia de las actividades corporales.

* Professor Adjunto da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda, Portugal. Membro da Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior (UDI). Doutorada em Ciências da Atividade Física e do Desporto pela Universidade de León.

** Professora Adjunta da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda, Portugal. Membro efetivo da Research Centre in Sports Sciences, Health Sciences and Human Development, CIDESD, Portugal. Membro da Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior (UDI). Doutorada em Engenharia Biomédica pela Universidade do Porto.

Submitted: 20th December 2016

Accepted: 06th September 2017

Na sua obra “Saudades da Terra”, Gaspar Frutuoso tece diversas referências a jogos e atividades corporais praticados em Portugal, no término do século XVI. Contudo, apesar dessas descrições serem pormenorizadas no que concerne ao contexto natural e social em que decorreram, o autor não se detém, de forma pormenorizada, na lógica interna dessas práticas, bem como nos regulamentos e papéis atribuídos aos seus intervenientes. Com efeito, a maioria dos relatos respeita a episódios concretos, com a indicação da localidade e sítio onde ocorreram as atividades bem como do nome e estrato social dos seus atores. Ainda assim, a obra do padre Gaspar Frutuoso pode considerar-se de enorme importância para a história das atividades corporais em Portugal.

O presente artigo destaca as práticas corporais contidas nos seis volumes publicados pelo Instituto Cultural de Ponta Delgada¹, procurando contextualizá-las no tempo e no espaço. Efetivamente, é nosso objetivo proceder a uma análise comparativa, aludindo às mesmas ou a outras práticas semelhantes realizadas no território nacional, com referência aos espaços privados, comunitários ou naturais onde decorriam e aos materiais que lhes serviam de suporte.

Esta vasta obra, o primeiro documento histórico que enquadra a descoberta e colonização dos Açores, reflete o caráter renascentista do seu autor, abarcando uma grande variedade de temáticas, desde a fauna, flora, geografia e economia, até à organização social, tradições e atividades lúdicas. Apesar de evidenciar maior empenho no estudo e descrição dos Açores, e mais especificamente da sua ilha natal, São Miguel, Gaspar Frutuoso também denota interesse pelos restantes arquipélagos da Macaronésia. No Livro I, o autor discorre sobre o descobrimento das ilhas Canárias e do arquipélago de Cabo Verde e, no Livro II, debruça-se sobre o descobrimento do arquipélago da Madeira.

Nascido em Ponta Delgada, em 1522, Gaspar Frutuoso realizou a sua formação em artes e teologia em Salamanca². Passou também alguns anos no continente, até regressar de forma definitiva aos Açores, com 43 anos de idade, para exercer funções sacerdotais na igreja matriz da Ribeira Grande, até à sua morte, em 1591.

ATIVIDADES CORPORAIS MENCIONADAS

Gaspar Frutuoso alude muitas vezes a práticas lúdicas e corporais para ilustrar a sua exposição acerca de distâncias: “quase dois tiros de besta”³; “afastado de terra um tiro de besta”⁴; “meio tiro de besta”⁵; “um tiro de pedra”⁶. Também se socorre de exemplos de atividades lúdicas para

1 Frutuoso, G.(2005). Saudades da Terra, Livros I a VI (2ª ed), Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada. Em complemento das “Saudades da Terra”, o autor escreveu as “Saudades do Céu”, numa perspetiva alegórica, teológica e filosófica onde “sobressai (...) a concepção fundamental sobre o destino do homem e da sociedade”.

Luz, J.L.B. (2011). As Saudades do Céu do Doutor Gaspar Frutuoso, Insulana (67, p. 36). Ponta Delgada.

2 Além dos graus académicos obtidos em Salamanca, acredita o seu biógrafo que se terá doutorado na Universidade de Évora. Cf. Notícia biográfica do Doutor Gaspar Frutuoso, Op. Cit., pp. XVIII-XIX.

3 Livro II, p. 43.

4 Livro II, pp. 22, 38, 39, 40 e 42.

5 Livro II, p. 40.

6 Livro II, p. 43.

explicar a dimensão de determinadas áreas, como por exemplo: “campo tão grande, que correm nele touros e cavalos, jogam as canas”⁷; “Dentro no mar, defronte dele, quantidade de um jogo de mancal”⁸; “enche todo um campo tão grande como um jogo de pela”⁹. É curiosa, também, a referência ao jogo do xadrez como suporte para descrever estruturas de disposição no espaço. Um caso concreto respeita à descrição do fabrico de alcatrão na ilha de Palma (Arquipélago das Canárias). No sentido de ilustrar a disposição dos “tendais”¹⁰, menciona que os mesmos se encontravam “à maneira de um tableiro de enxadrez”¹¹.

Práticas venatórias

Tal como sucede nos tempos atuais, as atividades físicas e toda a sorte de divertimentos explanados nas “Saudades da Terra” estavam relacionados com a posição social e as possibilidades económicas das populações¹². Esta associação é bem evidente nas atividades venatórias e nas práticas lúdicas que preenchiam o programa dos dias festivos.

As atividades cinegéticas constituem um divertimento transversal a várias épocas históricas, havendo inúmeros episódios de caça com aves e caça grossa que fazem parte da história de Portugal, variando no tempo, consoante as preferências da época¹³. Deste modo, não é de estranhar que os primeiros livros técnicos redigidos em Portugal se tenham centrado sobre os cuidados a ministrar às aves de caça¹⁴.

A caça realizada a cavalo, por meio de gaviões, denominada cetraria¹⁵, era um divertimento usual em toda a Europa. Esta prática foi um exercício muito valorizado e generalizado¹⁶, tendo ganho supremacia sobre as outras atividades venatórias realizadas durante a I dinastia, sobretudo no reinado de D. Fernando¹⁷.

7 Sobre a cidade do Funchal, Livro II, p. 41.

8 Livro IV, p. 164.

9 Livro I, p. 56.

10 Locais, no solo, onde era colocado o breu, destinado ao fabrico do alcatrão. Livro I, p. 55.

11 Idem, ibidem.

12 Serra, N. (2010). Las actividades corporales en Portugal durante los siglos XIV y XV. Análisis de las obras de Don Joao y Don Duarte (Tese de Doutoramento em Ciências da Atividade Física e do Desporto) Universidade de León, León. p. 13.

13 Serra, N., op. cit., p. 28.

14 Idem, p. 7. Entre outros, o Livro de Cetraria, o Tratado das enfermidades das aves de caça, de autores desconhecidos, o Livro de Falcoaria, atribuído a Pêro Menino, falcoeiro do rei D. Fernando e o Livro d’Alveitaria, organizado por mestre Giraldo, médico de D. Dinis.

15 Pereira, F. M. E. (1918). “Introdução”, in Livro da Montaria feito por D. João I, Rei de Portugal, conforme o manuscrito nº 4352 da Biblioteca Nacional de Lisboa, Imprensa da Universidade, Coimbra, p. XXXII. Segundo o autor, a caça com aves amestradas era designada por “altanaria” (alto) e volataria (que voa). Quando a ave era o falcão designava-se de “falcoaria”.

16 Dias, I. (1997). A arte de ser bom cavaleiro. Lisboa: Editorial Estampa.

17 Gomes, M. M. (1997). O homem, o animal e a floresta: Uma abordagem no Livro da Montaria de D. João I de Portugal (Tese de Mestrado em História e Cultura Medievais). Universidade do Minho, Braga p. 27. A autora sublinha a supremacia da falcoaria sobre a montaria.

Na obra de Gaspar Frutuoso encontram-se duas alusões a esta prática cinegética, uma na Madeira e outra na ilha açoriana de Santa Maria, associadas aos costumes dos nobres, mais propriamente à caça com gaviões e açores. O autor declara que na ilha da Madeira se criam “gaviões e açores, que parece que vêm ali com tormentas de alguma terra perto”¹⁸. Ao referir-se à nobreza, regista a existência, em Machico, de “homens desta nobre geração, tão caçadores de gaviões”. E acrescenta que eles “entravam na vila a cavalo, com os gaviões na mão, que mais parecia uma nobre corte que vila de tão poucos vizinhos”¹⁹. No Livro III, aludindo ao 2º comendador da ilha de Santa Maria, D. Francisco Coutinho, descreve-o como “muito curioso da caça de açor e, assim, os tinha muito bons”²⁰.

Gaspar Frutuoso refere-se apenas uma vez à prática da montaria, na ilha da Madeira. Ao procurar caracterizar João Teixeira, descendente de nobres, indica que tinha uma coutada com “coelhos, perdizes, pavões e porcos javalis que afirma que era a melhor coutada de todo Portugal”. Informa que era a única existente naquela ilha, acrescentando que ninguém podia “entrar nela”, pois se D. Manuel visitasse a ilha, “em nenhuma das outras terras poderia montar e caçar”²¹. Alude ainda à existência de “caes de filha”²², ou seja, cães utilizados na montaria.

No “Livro da Montaria”, de D. João I, são distinguidos dois tipos de cães, os sabujos e os alãos. Consoante a pureza da respetiva raça, assim lhes eram atribuídas diferentes missões neste tipo de caça grossa. Enquanto os sabujos, rafeiros especializados em descobrir o rastro da caça, tinham um papel preparatório, pouco valorizado por D. João I, aos alãos era reservada uma maior proximidade com o momento crucial da montaria, a morte do javali²³.

Apesar de constituir uma prática cinegética habitual em Portugal até meados do século XV, a montaria foi caindo em desuso²⁴. Este quadro foi verificado em toda a Europa e tem sido associado à diminuição da importância do cavalo nas atividades bélicas²⁵.

O autor das “Saudades da Terra” dedica um breve relato à caça praticada pelas populações rurais na ilha de Porto Santo, mencionando uma montanha “onde vão caçar e folgar muitos”²⁶. Ao descrever alguns divertimentos do povo da ilha de Santa Maria, observa que “A maior curiosidade que os homens têm, depois de enfadados de seus honestos trabalhos em suas fazendas, é de passatempos de caças na terra e de pescarias no mar”²⁷.

18 Livro II, p. 51.

19 Livro II, p. 54.

20 Livro III, p. 78.

21 D. João I considerava a montaria como o rei dos jogos. Devido à importância que o rei lhe atribuía existiam coutadas régias, mas também outras pertencentes a nobres proprietários de terras. Gomes, M. M., op. cit., pp.10-44.

22 Livro II, p. 54.

23 Cf. Serra, N. op.cit., p. 128.

24 Cf. Pereira, A.M.E., op. cit., p. XLII.

25 Bonhomme, G. (1990). “Le cheval comme instrument...”, in Ceard,J., Fontaine M.M., & Margolin, J.C. (Dir.), *Le corps à la Renaissance: Actes du XXX Colloque de Tours*, (pp. 338-349). Paris: Aux Amateurs des Livres.

26 Livro II, p. 23.

27 Livro III, p. 32.

Como se nota, as populações rurais procuravam suprir as suas necessidades alimentares através da caça realizada fora das reservas, geralmente de modo clandestino, questão que motivou, ao longo dos tempos, diversas proibições régias²⁸.

Práticas lúdicas em dias festivos

Relativamente ao torneio, atividade festiva que, na época, deveria estar já em declínio, o autor tece-lhe uma única referência, associada à vida na corte do 3º comendador de Santa Maria: “na corte, fazendo el-Rei muita conta dele, metendo-o sempre em todos os folgares em que ele entrava, de torneios e jogos de canas, e outros semelhantes”²⁹.

Podem considerar-se duas fases no desenvolvimento desta prática medieval: uma mais antiga, em que o torneio se assemelhava à guerra, caracterizando-se pela desorganização e violência; e uma segunda, em que era notória a preocupação pela sublimação dos aspetos mais violentos, complementada por maior regulamentação, adquirindo uma aparência predominantemente festiva. Segundo Barber (1975), estas transformações acabaram por ditar o fim do torneio, no século XV³⁰. Em contapartida, a justa, prática corporal individual, menos violenta e mais codificada, acabou por tomar o lugar do torneio.

É interessante o facto de não haver nenhuma alusão à justa nas “Saudades da Terra”, excetuando-se uma passagem em que o autor, ao referir-se à vida do 4º Capitão do Funchal, menciona a existência do riste³¹, dispositivo metálico que permitia ao cavaleiro, na justa, um melhor domínio da lança a galope³².

O jogo das canas, no final da idade média, tornou-se uma atividade essencialmente lúdica, fazendo parte integrante da maior parte das festas dos nobres.

Segundo Gouveia Monteiro, o jogo das canas foi muito referenciado pelos historiadores até à primeira metade do século XV, constituindo uma das variantes do torneio. Na sua prática, os cavaleiros participantes usavam canas aguçadas, com as quais, através de arremessos (como se de lanças se tratasse), procuravam atingir os adversários³³.

Ligado à nobreza e realizado em ambiente de festa, o jogo das canas é o que merece o maior número de menções por parte de Gaspar Frutuoso, que lhe dedicou o capítulo LXXIV do Livro IV. A referência às canas está associada ao estatuto social das personagens descritas. A título de exemplo,

28 Serra (2010), op. cit., p. 51. Em França, tal como em Portugal, o prazer da caça estava preservado aos reis e aos nobres proprietários das terras. Mas, apesar das proibições, a atividade cinegética sempre foi uma realidade, feita de um modo furtivo. Cf. Jusserand, J.-J. (1986), *Les sports et jeux d'exercices dans l'ancienne France*. Genève: Ed. Champion-Slatkine.

29 Livro III, p. 80.

30 Barber, R. (1975). *The Knight and Chivalry*, Totowa: Roman and Littlefield, pp. 159-183.

31 Monteiro, G. (1994). “Torneios, justas e feitos de armas: Escola de guerra e desporto de nobres no Ocidente Medieval”, *Separata das Actas do V Colóquio “Do infante e Tordesilhas, Comissão Portuguesa de História Militar*, Lisboa, p. 18. O autor refere que o riste foi inventado em Itália, em 1389.

32 A expressão “enrestaria a lança nele” figura no Livro II, p. 102.

33 Monteiro, J. G. (1998). *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*. Lisboa: Editorial Notícias, pp. 421 e 422. Gouveia Monteiro é considerado um dos principais estudiosos do tema da guerra em Portugal.

quando o autor alude a um nobre, informa que era muito valorizado pelo rei D. Sebastião, pois “quando jogava às canas ou fazia algum outro folgar a pé ou a cavalo, sempre o trazia junto de si mui privado”³⁴.

As canas e escaramuças constituíam uma prática lúdica e festiva muito concorrida e apreciada na época, como nos indica a seguinte passagem, que o autor reporta à ilha da Madeira: “eram os cavaleiros tantos para jogos de canas e escaramuças, que mais parecia exército de guerra que folgar de festa”³⁵.

No jogo de canas, e no ambiente festivo em que o mesmo se inseria, existia sempre um grande aparato nas vestimentas, como podemos notar, a propósito do regresso de Gonçalves de Câmara à ilha da Madeira, no ano de 1555. O rei mandou fazer muitas festas e concedeu seis dias de descanso, o que permitiu a reunião de cavaleiros de toda a ilha. Vinham “ricamente guarnecidos, trazendo com os mais deles dois e três cavalos a destro, com ricos jaezes e suas coberturas, e moxilhas de veludo, e cabeçadas, e esporas douradas, cada um com dois, três, quatro, cinco e seis criados, todos vestidos de libré de várias cores e modos”³⁶.

O jogo estaria organizado entre dois partidos (o “bando” e o “contra bando”), sendo muito aplaudido o cavaleiro que, ao ser perseguido, não se deixasse atingir pelas canas, defendendo-se com um pequeno escudo. Frutuoso dá o exemplo de um cavaleiro que era “tão destro no jogo delas e tão bem se adargava, que não lhe dava cana, nem nas unhas do cavalo”³⁷.

O autor explica que, na Madeira, se jogavam as canas no adro da igreja do Funchal, nos dias de São João e Corpo de Deus, por ser um campo muito grande, que permitia correr touros e cavalos³⁸.

A importância social de ser bom cavaleiro e exímio praticante de canas é perceptível neste excerto, dedicado a um nobre que era “grande e tão bom cavaleiro que antes de ser velho sempre era chamado para os jogos de canas e escaramuças e outras festas, que se faziam nesta ilha”³⁹.

A narração mais completa de um jogo de canas surge associada às festividades realizadas após o tremor de terra que destruiu Vila Franca do Campo. O Capitão Rui Gonçalves da Câmara, para “consolar seu povo”, ordenou a sua realização na praia, ao longo do mar, entre moradores de São Miguel (de Ponta Delgada e Lagoa contra os da Ribeira Grande, Vila Franca e Água de Pau)⁴⁰. O quadro descrito revela a preocupação dos intervenientes em se apresentarem vistosos e elegantes “todos bem ornados e lustrosos”, vestidos “de seda dourada, com muitos golpes e botões de ouro” ou de “vestido de seda branca”, “mui galantes e bem vestidos de panos finos e de seda e peças de

34 Livro II, p.151.

35 Livro II, p. 55. António Aragão refere que o jogo de canas foi praticado na Madeira, de 1455 a 1700. Cf. Aragão, A. (1981). *A Madeira vista por estrangeiros (1455-1700)*, Funchal: Edição da DRAC, pp. 94-95.

Gaspar Frutuoso também faz referências ao jogo das canas nas ilhas Canárias. Livro I, p. 46.

36 Livro II, p. 99.

37 Idem, *Ibidem*.

38 Idem, p. 41.

39 Livro IV, p. 73.

40 Livro IV, p. 298.

ouros”. Além disso, os nobres intervenientes iam acompanhados dos seus moços “de esporas, e ricas librés”, com os cavalos “bem ajaezados” e as canas ornamentadas com “chocalhos de prata”⁴¹.

Este jogo festivo enquadrava-se na órbita da nobreza, a que pertencia a maioria dos intervenientes: “todos os homens nobres desta ilha de São Miguel e seus filhos mancebos são tão grandes cavaleiros que parece que nasceram sobre seus cavalos”. No entanto, também o abade da Ribeira Grande participou, tendo jogado “mui bem as canas”, no desafio com o jovem filho do capitão, atirando-lhe uma cana que o atingiu na adarga. Este lance provocou uma reação do capitão que lhe disse que só devia “botar cana por cima, como a el-Rei”⁴².

Na época era também comum o jogo das alcanzias, que surgia em conjunto com as canas, a que, curiosamente, Gaspar Frutuoso não alude. Realizava-se a cavalo, nas ruas, sobretudo nos dias de festa. Os fidalgos atiravam aos adversários bolas de barro secas ao sol, do tamanho de laranjas, com flores ou confeitos no interior, defendendo-se com o escudo. Segundo Andrade Corvo, as alcanzias “eram umas bolas muito frágeis de barro seco ao sol, do tamanho de laranjas, dentro das quais se metiam flores ou confeitos”⁴³. Este autor faz uma descrição elucidativa dos intervenientes, ao escrever o seguinte: “Os cavaleiros neste jogo vinham armados de escudozinhos de metal ou de coiro, em que traziam pintadas as suas armas e emblemas: e atiravam uns aos outros as alcanzias, que traziam no bolso. A destreza neste jogo era acertar no corpo ou no cavalo do adversário, e aparar no escudo todos os golpes”⁴⁴.

Gaspar Frutuoso menciona que algumas crianças micalenses procuravam acertar nos oponentes com laranjas ou ovos. Para o efeito, “coziam caldeiradas deles, e esburgando-os depois de cozidos atiravam com eles uns contra os outros, em tão pouca estima os tinham, e tantos eram, que muito usavam então deste jogo com ovos muitas vezes”⁴⁵. Pelas suas características, este divertimento parece uma reminiscência das alcanzias⁴⁶. Muito semelhante é, também, o “jogo das laranjadas”, realizado apenas uma vez por ano, durante o entrudo⁴⁷.

Nas “Saudades da Terra” também existem diversas referências a atividades tauromáquicas associadas a dias festivos. Em 1542, quando chegou à ilha da Madeira o seu capitão, Simão Gonçalves da Câmara, foi recebido com “muita festa e houve canas e touros e se guardou aquele dia”⁴⁸.

As práticas tauromáquicas eram, nos Açores, consideradas como verdadeiras manifestações de vigor e coragem, dada a força e o ímpeto dos animais lidados. E, como na altura ainda não estavam

41 Idem, *Ibidem*.

42 Idem, p. 297. O autor relata também a participação de um homem do povo, o qual “ainda que era homem de dias, jogou mui valentemente as canas”. Idem, p. 296.

43 Corvo, A. J. (1859). Um ano na Corte, Lisboa, Tomo VI, pp.19-21.

44 Idem, *Ibidem*.

45 Livro IV, p. 229.

46 Livro IV, p. 229 e Livro II, p. 48.

47 Idem, *Ibidem*. Curiosamente, em São Miguel persiste a tradição de, na terça feira de Carnaval, se realizar uma batalha de “limas”, isto é pequenos recipientes de parafina cheios de água. Cf. “Tradição da Batalha das Limas...”, *Jornal Açoriano Oriental*, 13/02/2015.

48 Livro II, p. 121.

sublimadas ou interditos os episódios violentos, os touros eram muitas vezes acometidos com pedras, paus ou cutiladas⁴⁹.

Muito interessante nos parece a referência à “peleja de touros”, na ilha de São Miguel, em praça ou “campo tapado”, à semelhança da chega de bois, costume que ainda se vai mantendo no continente, nalgumas aldeias do Barroso⁵⁰. Nestas lutas entre animais, que serviam para “desenfadamento” do povo, eram permitidas apostas. Todavia, estava interdito a qualquer dos donos dos touros falar ao seu boi, “ainda que o visse covardo, o que não podendo alguns deixar de fazer, se armavam às vezes grandes brigas e jogos de cutiladas”⁵¹.

Nos livros II, III e IV das “Saudades da Terra” surgem frequentes alusões ao uso do cavalo, quer nos jogos de preparação ou representação bélica (torneios e canas), quer em provas e demonstrações de domínio, perícia e acrobacia.

O cavalo, além de meio de transporte, foi, durante muitos séculos, considerado essencial para a guerra. No “Livro da Ensinança”, D. Duarte alertou os nobres para a importância de bem cavalgar, em toda a sorte de montadas e ocasiões⁵². Muitos dos exercícios de destreza, perícia, domínio e doma do cavalo que o rei eloquente prescreve na sua obra são mencionados, in situ, por Gaspar Frutuoso.

Ao referir-se a Fernão d’Alvares, nobre abastado da ilha de São Miguel, o autor informou que todos os seus sete filhos foram “homens muito lustrosos, cavaleiros, que se exercitavam muito em folgares e cavalarias de cavalos”⁵³. Outros relatos enaltecem a perícias dos melhores “ginetairos”, que: corriam em pé sobre o dorso de um cavalo; saltavam de um cavalo para o outro sem pôr o pé nos estribos; apanhavam laranjas do solo; saltavam obstáculos difíceis; e corriam com duas lanças nas mãos e o freio na boca⁵⁴.

Estas provas de destreza e perícia sobre o cavalo foram muito usuais entre a nobreza. Oliveira Marques faz alusão ao “paréo”, prova na qual dois cavaleiros corriam a galope, lado a lado, de mãos dadas, mantendo-se deste modo sem cair⁵⁵.

Também a luta mereceu a atenção de Frutuoso, que a esta prática corporal fez várias menções, aludindo a personagens e a episódios com ela relacionados. O autor sublinha o carácter festivo que as competições de luta compreendiam, bem como os prémios doados pelos nobres que, assim, se tornavam os seus grandes dinamizadores. No Funchal, diz-nos o autor, as provas de luta aconteciam sobretudo nos dias de São Sebastião e de São Brás. A elas concorriam os melhores lutadores, que

49 Livro II, p. 52 e Livro IV, p. 256.

50 Ver, a este respeito, Fontes, A. L., (1974). *Etnografia Transmontana* (Vol. I, 1ª ed). Vilar de Perdizes. pp. 51-55.

51 Livro IV, p. 238.

52 Duarte, D. (1986). *Livro da Ensinança de bem cavalgar toda sela que fez El-Rey Dom Eduarte de Portugal e do Algarve e Senhor de Ceuta*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.

53 Livro III, p. 27.

54 Livro II, pp. 42, 55 e 123; Livro III, p. 27; Livro IV, pp. 255 e 256.

55 Esta demonstração de perícia no ato de cavalgar causou a morte, devido a queda, ao infante D. Afonso, filho de D. João II, nos finais do século XV. Cf. Oliveira Marques, A. H. (1987). *A Sociedade Medieval Portuguesa* (5ª ed). Lisboa: Livraria Sá da Costa, p. 190.

procuravam ganhar diversos prémios⁵⁶. Uma das maiores proezas foi cometida por Belchior Baldaia, no lugar de Mosteiros (São Miguel), “tão grande lutador que (...) derribou quatro homens, com o braço esquerdo atado na coxa, estando em calças e em gibão e descalço”⁵⁷.

Jogos com bola

Apesar de mencionar o “jogo dos mancais de ferro” como um dos passatempos e exercícios mais praticados em São Miguel, conjuntamente com a péla⁵⁸, o padre Frutuoso não faz qualquer descrição desta prática. Ao invés, introduz duas pequenas alusões ao jogo da bola. Numa delas cita o nome de um “entendido” a jogar e a “lavar os riscos” e, na outra, descreve um “campo de bola” em Lagoa (São Miguel)⁵⁹.

Pensamos que os “mancais de ferro” e o “jogo da bola” terão sido a mesma prática lúdica ou variantes da que, no continente, foi conhecida pelo mesmo nome e, ainda, por jogo dos paus⁶⁰. Com efeito, o vocábulo “mancal”, atribuído aos paus ferrados ou bilros utilizados no jogo, que deviam ser derrubados pelas malhas ou bolas de madeira, já vem mencionado nas Constituições do Bispado de Coimbra, de Afonso Castelo Branco, em 1591⁶¹.

Estes antepassados do bowling ainda há poucas décadas eram passatempos usuais em Portugal e na Europa. Nos Açores, mais propriamente na ilha Terceira, Machado Drumond referenciou duas versões do “jogo dos bilros”, em 1963⁶², que são, decerto, descendentes dos “mancais de ferro” e/ou do “jogo da bola”⁶³.

O jogo da choca, que se perpetuou nas tradições rurais, na Europa ocidental, até meados do século XX⁶⁴, mereceu apenas, na obra em apreço, uma referência de carácter toponímico. Efetivamente, o autor revela que a localidade de Ribeira do Campo deve o seu nome a “um campo que está arriba da vila, ao longo dela, onde antigamente jogavam a choca”⁶⁵.

Pela descrição do padre Frutuoso nota-se que o jogo da péla foi muito praticado, nos finais do século XVI, na Madeira e nos Açores. Uma primeira referência respeita à construção de um campo de péla

56 Livro II, p. 149; Livro IV, pp. 255-256.

57 Livro IV, p. 255.

58 Livro IV, p. 255.

59 Livro IV, p. 67 e 169.

60 Serra, N., op. cit., p. 262

61 Almeida, F. (2003). História de Portugal desde os tempos pré-históricos a 1580 (Vol. 1). Lisboa: Bertrand Editora, p.131.

62 Drumond, F. M. (1963). Jogos populares. Estudo do folclore terceirense. Angra do Heroísmo: Tipografia Andrade.

63 Serra, C. S. e Serra, N. (2007). O jogo da bola ou dos paus no distrito da Guarda: sua história, características e interesse em projectos de animação. ESEG Investigação (nº3, 1º semestre, pp. 155-170). Guarda: ESEG.

64 Trata-se de um jogo de bastões, utilizando uma pequena bola de madeira, à guisa de hóquei em campo rudimentar, muito praticada por pastores. Conhecido por “chueca”, em Espanha e “trueie” ou “gouret” em França, teve no nosso país inúmeras denominações: choca, joca, porca, reca, chiqueiro, pinha, marrã, furriga, zamborra, chincharramona, serramuda, corrolha e zarelho. Na idade média era conhecida por “aléu”. Cf. Serra, M. C. (1999). Jogos Tradicionais em Portugal. As relações entre as práticas lúdicas e as ocupações agrícolas e pastoris (Tese de Doutoramento não editada, Vol II, pp. 638 ss.) UTAD, Vila Real.

65 Livro IV, p. 161.

que o capitão Gonçalves da Câmara, conde da Calheta, mandou construir, por “quinhentos cruzados”, dentro dos muros da sua residência⁶⁶. Também nos Açores a péla foi um exercício habitual, praticado quer por nobres quer por proprietários rurais. O autor refere que a péla era jogada “por riba da corda”, não fazendo qualquer alusão à existência de rede, luvas ou raquete de batimento. No entanto, na corda divisória dos campos eram suspensos alguns guisos, pelo que, quando a bola a tocava, fazia “bulir o cascavel”⁶⁷.

Práticas corporais de força e destreza

A leitura da obra monumental de Gaspar Frutuoso permite perceber a importância que, na época, era dispensada aos exercícios corporais de força e destreza.

Das práticas de lançamento, o autor alude ao “arremesso de lança, dardo, pedra e barra de ferro”, na ilha de Palma (Canárias), em distância ou a um alvo colocado sobre um pau “fincado no chão, de altura de sete ou oito palmos”⁶⁸. Também se usava o “lançamento de um bordo (...) vara de dez ou doze palmos com um cordão de linho no meio”. Este lançamento era feito em distância, “de riba de um cavalo (...) longe como uma besta deita um virote, e às vezes mais”⁶⁹.

As populações das ilhas, mormente nos meios rurais, também se dedicavam à prática de diversos saltos. O autor menciona um atleta eclético, natural de Ponta Delgada, exímio cavaleiro, arremessador de lança, perito no jogo da péla, insuperável nas demonstrações de força corporal e grande lutador. Além destas façanhas, qual Gargântua de Rabelais, conseguia “saltar dois cavalos de um salto” e, em extensão, “quarenta e cinco pés de três saltos”⁷⁰. Na Ribeira Grande, foi também digno de menção um homem que, dando apenas duas passadas de balanço, saltava por cima de uma lança sustentada por dois homens de boa estatura, junto ao peito⁷¹.

De interesse nos parece, também, a alusão a um salto que um natural de Vila Franca (São Miguel) conseguia realizar, com o auxílio de uma lança, por cima de outra lança sustentada por dois homens, por mais altos que fossem⁷².

No Livro I, que o autor dedica essencialmente ao arquipélago das Canárias, surge a seguinte narração de um exercício corporal muito exigente, em termos de força, destreza e coordenação, atualmente conhecido por “salto del pastor”:

“Deitam-se com uma lança levada ao comprido do corpo do homem, terçada de maneira que põem um terço primeiro na terra ou pedra, onde dão com um ferrão de aço, que a lança traz de

66 Livro II, pp. 148-149.

67 Livro IV, pp. 238, 255 e 256.

68 Livro IV, p. 255.

69 Livro I, p. 41 e Livro IV, pp. 255-256.

70 Livro IV, pp. 255-256.

71 Idem, p. 256.

72 Idem, p. 257.

um palmo de comprido com seu calço, sem poder fugir do lugar donde dá; e, ainda que seja três lanças de alto, se lançam abaixo e se vêm a pôr no chão com tanta facilidade que parecem aves⁷³.

Esta modalidade de salto, já praticada pelos antigos habitantes das Canárias, constitui atualmente um dos “juegos autóctonos” perpetuadas pela intervenção de coletividades e organismos oficiais⁷⁴.

Nos meios rurais micalenses, um dos divertimentos habituais, naquele tempo, era o jogo de “correr pedras”, que exigia agilidade, força e resistência. Disputava-se entre dois oponentes, com vasta concorrência de espetadores, que procuravam ganhar uma aposta ou prémio. Num determinado local era posto um determinado número de pedras. Um dos participantes tinha que passar as pedras, uma a uma, para outro local. Entretanto, o rival devia correr até a um local pré-estabelecido e regressar a um ponto de chegada, “fora daquele em que a aposta se fazia”. Vencia a competição o que conseguisse realizar a sua tarefa em primeiro lugar⁷⁵.

CONCLUSÃO

A vastíssima informação coligida pelo padre Gaspar Frutuoso, tornada pública na obra “Saudades da Terra”, pode considerar-se um rico manancial, a explorar pelos estudiosos das ciências sociais e humanas. Os conhecimentos, crenças, costumes, hábitos, aptidões e práticas sociais dos insulares, respeitantes ao final do século XVI, permitem, a nosso ver, compreender melhor a atualidade.

Comungamos da opinião de Ribeiro, quando defende que estes conhecimentos se tornam importantes não só para as ilhas mas também para o continente. Com efeito, os primeiros povoadores que nelas se fixaram foram portadores de costumes, técnicas, conhecimentos e tradições do continente português⁷⁶.

Para além da designação dos divertimentos corporais dos ilhéus, nota-se na obra a única intenção de o autor identificar os melhores praticantes e a respetiva condição social. Curiosamente, em muitas situações e acontecimentos narrados, o Padre Frutuoso serviu-se de jogos e atividades corporais para ajudar o leitor a perceber distâncias, áreas e formas de organização.

A prática que mereceu o maior número de referências foi o jogo das canas, atividade equestre que integrava o programa de dias festivos. Também os exercícios cinegéticos foram alvo de atenção por parte do autor, bem como diversos jogos conhecidos no continente português, como a péla, a bola e os mancais. Parece-nos igualmente importante a referência a dois jogos autóctones : “correr pedras”, em S. Miguel, e um salto realizado com a ajuda de lança, nas Canárias.

Do valioso corpus que esta obra constitui, podem extrair-se, como procurámos fazer no presente artigo, preciosos dados acerca de atividades lúdicas e técnicas do corpo que devemos tentar

73 Livro I, p. 41.

74 Cf. Gómez, T. N. (1990). Salto del Pastor. Juegos y Deportes Autoctónos de Canárias. Las Palmas, pp. 221-224; Moreno, J. H, Nunez, U. C. & Adelantado, V. N. (2003). Los Juegos y deportes tradicionales de Canarias. Antecedentes, Análisis y Caraterización. Las Palmas de Gran Canaria: Governo de Canarias y Universidade de Las Palmas de Gran Canaria.

75 Livro IV, p. 238.

76 Ribeiro, L. (1982). Etnografia Açoriana, Instituto Histórico da Ilha Terceira. Angra do Heroísmo, 1982.

compreender à luz da época a que respeitam e se tornam uma fonte de singular interesse para a História do Desporto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALMEIDA, F. (2003). HISTÓRIA DE PORTUGAL DESDE OS TEMPOS PRÉ-HISTÓRICOS A 1580 (VOL. 1). LISBOA: BERTRAND EDITORA.
- ARAGÃO, A. (1981). A MADEIRA VISTA POR ESTRANGEIROS (1455-1700). FUNCHAL: EDIÇÃO DA DRAC.
- BARBER, R. (1975). THE KNIGHT AND CHIVALRY. TOTOWA: ROMAN AND LITTLEFIELD.
- BONHOMME, G. (1990). "LE CHEVAL COMME INSTRUMENT", IN CEARD, J., FONTAINE, M.M., & MARGOLIN, J.C. (DIR.), LE CORPS À LA RENAISSANCE: ACTES DU XXX COLLOQUE DE TOURS. PARIS: AUX AMATEURS DES LIVRES.
- CORVO, A. J. (1859). UM ANO NA CORTE (TOMO VI). LISBOA.
- DUARTE, D. (1986). LIVRO DA ENSINANÇA DE BEM CAVALGAR TODA SELA QUE FEZ EL-REY DOM EDUARTE DE PORTUGAL E DO ALGARVE E SENHOR DE CEUTA. LISBOA: IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA.
- DIAS, I. (1997). A ARTE DE SER BOM CAVALEIRO. LISBOA: EDITORIAL ESTAMPA.
- DRUMOND, F. M. (1963). JOGOS POPULARES. ESTUDO DO FOLCLORE TERCEIRENSE. ANGRA DO HEROÍSMO: TIPOGRAFIA ANDRADE.
- FONTES, A. L. (1974). ETNOGRAFIA TRANSMONTANA (1ª ED.). VILAR DE PERDIZES.
- FRUTUOSO, G. (2005). SAUDADES DA TERRA, LIVROS I A VI (2ªED). PONTA DELGADA: INSTITUTO CULTURAL DE PONTA DELGADA.
- GOMES, M. M. (1997). O HOMEM, O ANIMAL E A FLORESTA: UMA ABORDAGEM NO LIVRO DA MONTARIA DE D. JOÃO I DE PORTUGAL (TESE DE MESTRADO NÃO EDITADA). UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA.
- GÓMEZ, T. N. (1990). SALTO DEL PASTOR. JUEGOS Y DEPORTES AUTÓCTONOS DE CANARIAS. LAS PALMAS.
- JUSSERAND, J.-J. (1986). LES SPORTS ET JEUX D'EXERCISES DANS L'ANCIENNE FRANCE. GENÈVE: ED. CHAMPION-SLATKINE.
- LUZ, J. L. B. (2011). AS SAUDADES DO CÉU, DO DOUTOR GASPAR FRUTUOSO, INSULANA (67, PP. 31-37). PONTA DELGADA.
- MONTEIRO, J. G. (1998). A GUERRA EM PORTUGAL NOS FINAIS DA IDADE MÉDIA. LISBOA: EDITORIAL NOTÍCIAS.
- MONTEIRO, G. (1994). TORNEIOS, JUSTAS E FEITOS DE ARMAS: ESCOLA DE GUERRA E DESPORTO DE NOBRES NO OCIDENTE MEDIEVAL, SEPARATA DAS ACTAS DO V COLÓQUIO "DO INFANTE E TORDESILHAS". LISBOA: COMISSÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA MILITAR.
- MORENO, J. H, NUNEZ, U. C., & ADELANTADO, V. N. (2003). LOS JUEGOS Y DEPORTES TRADICIONALES DE CANARIAS. ANTECEDENTES, ANÁLISIS Y CARATERIZACIÓN. LAS PALMAS DE GRAN CANARIA: GOVERNO DE CANARIAS Y UNIVERSIDADE DE LAS PALMAS DE GRAN CANARIA.
- OLIVEIRA MARQUES, A. H. (1987). A SOCIEDADE MEDIEVAL PORTUGUESA (5ª ED). LISBOA: LIVRARIA SÁ DA COSTA.
- PEREIRA, F. M. E (1918). "INTRODUÇÃO", IN LIVRO DA MONTARIA FEITO POR D. JOÃO I, REI DE PORTUGAL, CONFORME O MANUSCRITO Nº4352 DA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA. COIMBRA: IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.
- RIBEIRO, L. (1982). ETNOGRAFIA AÇORIANA. ANGRA DO HEROÍSMO: INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA.
- SERRA, M. C. (1999). JOGOS TRADICIONAIS EM PORTUGAL. AS RELAÇÕES ENTRE AS PRÁTICAS LÚDICAS E AS OCUPAÇÕES AGRÍCOLAS E PASTORIS (TESE DE DOUTORAMENTO NÃO EDITADA, VOL. II). UTAD, VILA REAL.
- SERRA, C. S., & SERRA, N. (2007). O JOGO DA BOLA OU DOS PAUS NO DISTRITO DA GUARDA: SUA HISTÓRIA, CARACTERÍSTICAS E INTERESSE EM PROJECTOS DE ANIMAÇÃO. ESEG INVESTIGAÇÃO (Nº3, 1º SEMESTRE, PP. 155-170). GUARDA: ESEG.
- SERRA, N. (2010). LAS ACTIVIDADES CORPORALES EN PORTUGAL DURANTE LOS SIGLOS XIV Y XV. ANÁLISIS DE LAS OBRAS DE DON JOAO Y DON DUARTE (TESE DE DOUTORAMENTO NÃO EDITADA). UNIVERSIDADE DE LEÓN, LEÓN.